

“A Bruxinha, dez anos no papel de um jornal, na formação de futuros leitores”

SÍLVIA MARIA TEIXEIRA ALVES

Semanário Região de Leiria

bruxinhadepapel@gmail.com

Resumo:

Bruxinha nasceu em 1999 e mora no Região de Leiria desde 2003. Foi uma revista mensal para crianças, publicada em jornais do grupo Sojormedia, em cinco distritos: O Ribatejo, O Aveiro, O Eco, O Jornal do Centro e o Região de Leiria. Desde 2007, coincidindo com o fim do porte pago, integra, todas as semanas, uma página apenas no Região de Leiria, continuando a divulgar livros, histórias, entrevistas com escritores e ilustradores e notícias das actividades de escolas e bibliotecas.

Os jornais têm responsabilidade cívica, articulada com o seu próprio interesse, na formação de leitores. As condições socioeconómicas da população portuguesa não permitem pôr em causa a importância dos jornais, nem questionar ainda a pertinência da sua existência em suporte de papel. Os jornais são para uma larga maioria da população, a sua única leitura.

As novas gerações já não serão apenas leitores “de papel”. A sobrevivência dos jornais exige novos suportes. Mas continua a ser necessário investir na formação de bons leitores, promover o livro e a leitura, como um bem essencial.

A Bruxinha está também presente no Twitter: (<https://twitter.com/Bruxinhadepapel>) através do qual iniciou uma colaboração com o Colégio de Alfragide, na Casa das Histórias Mágicas. Um exemplo, entre muitos a explorar, de como uma rede social pode ser usado para traçar um caminho que as crianças seguirão até aos livros.

Muitas escolas e bibliotecas divulgam as suas actividades através de blogues e redes sociais. Daqui resulta uma dispersão informativa que não chega às famílias e que pode chegar através dos media, em particular pelos jornais/rádios regionais.

Melhorar os nossos níveis de literacia passa pelo envolvimento das famílias e este pela capacidade dos jornais, escolas e bibliotecas serem colaborativos e falarem uma mesma linguagem quando se trata da divulgação de actividades de promoção do livro e da leitura.

Palavras-chave:

Jornais, crianças, família, livros, leitores

O começo no papel

O papel esse misterioso ser que tem cheiro, tem palavras, tem vida e envelhece como todos nós, sobreviver-nos-á?

Com a chegada do correio vem o jornal e lá dentro um espaço que fala de livros e de histórias. Restará, anos passados, o recorte de uma Bruxinha guardada num livro que a menina, agora senhora, encontrará em casa dos pais. A Bruxinha traz-lhe à memória a infância e livros esquecidos e empoeirados num sótão, por falta de espaço no seu pequeno e moderno apartamento onde cabe o portátil, o ipad, a televisão, o mundo imenso que a Net ali faz desaguar, o tempo e a falta dele. A memória onde a guardaremos? Em suportes digitais, assépticos e sem cheiro?

Tudo muda mas a leitura permanecerá.



Sou uma Bruxinha de papel, vivo entre livros guardo memórias de antigas gentes, diferentes raças, numa casa "cheia de sol nas vidraças e de sombras nos recantos". Guardo histórias de quem subiu montes, desceu colinas, cruzou oceanos e de outros que, sentados, quietos, olhando, calmamente, nuvens informes constroem "castelos roqueiros erguidos na penedia"... e assim passam ainda as horas enquanto o pensamento escorre, dos dedos para folhas brancas, dos dedos para teclas pretas... dando "novos mundos ao Mundo"

A primeira página da história

Ao longo de doze anos, no meu trabalho como professora de Ciências, confrontei-me, diariamente, com problemas decorrentes da falta de leitura. Sempre considerei que a questão não era só para professores da Língua Portuguesa mas para todos os professores. Todos, enquanto educadores, somos por dever promotores da leitura insubstituível na aquisição de conhecimento.

A Bruxinha é ela própria uma história. Uma história não dissociável da minha, dos caminhos e atalhos que fui percorrendo por intenção, por acasos e condicionalismos vários. A ideia surge pela primeira vez em 1996, era personagem de uma história que começou a ser escrita na contracapa de uma caderneta de avaliação, numa reunião de conselho de turma, em regresso à escola depois da minha licença de maternidade. Aquela Circe, feiticeira, a viver numa floresta ao lado de uma auto-estrada, serviu de inspiração, três anos mais tarde, para uma revista para crianças e encontrou o seu destino como história dentro de um livro.

A Bruxinha começou como revista mensal, com oito páginas a cores, no semanário Notícias de Leiria, em Dezembro de 1999. O objectivo era criar um espaço no jornal que fosse objecto de entretenimento e de promoção da leitura, através da divulgação de livros, publicação de histórias e

dando notícias de actividades lúdicas e pedagógicas. O seu público alvo: crianças até doze anos, pais e professores.

Ancorada a algumas ideias que remontam a memórias da minha infância, à importância que tiveram jornais, como o Primeiro de Janeiro, com espaço para os mais pequenos. A aprendizagem da leitura começa na escola, mas a sensibilização começa em casa, no berço, nas histórias contadas, no exemplo de pais leitores.

Em 2002 o Notícias de Leiria, sob a direcção de José António Laranjeira, recebeu do Instituto Português do Livro e Bibliotecas um apoio para que a Bruxinha e o jornal, durante um ano, chegassem a todas as Bibliotecas da rede pública.

A segunda página da história

Em 2003 na sequência de uma mudança na direcção do jornal, a publicação da Bruxinha foi interrompida, por decisão minha, e retomada, após uma pausa de 9 meses, com um novo design gráfico e dezasseis páginas, no Região de Leiria, em Outubro de 2003.

A partir de 2004 a Bruxinha passa a ser publicada em outros jornais do grupo Sojormedia: O Ribatejo, O Aveiro, O Eco, O Jornal do Centro e o Região de Leiria. Cinco jornais em quatro distritos. Nesta mudança passa a ter 32 páginas, oito das quais para divulgação de actividades de cada distrito, duas páginas para cada.

As rubricas da revista a Bruxinha

- A capa: temática
- Correio: espaço destinado a auto-retratos, desenhos e cartas dos leitores
- Saber Mais Sobre... Sobre alimentação, reciclagem, higiene...
- Biblioteca: apresentação de livros
- Gente Grande e os livros que Leu Quando era Pequena: testemunhos sobre livros lidos na infância que tenham deixado um lugar especial na memória.
- Página Perdida: um passatempo para encontrar o livro a que corresponde uma página. Uma forma de divulgar autores como Charles Dickens, Júlio Verne, Selma Lagerlof, Aquilino Ribeiro, Miguel Torga, Alves Redol...
- Conto: contos e ilustração. A divulgação da mensagem de 2 de Abril.
- Folhas e Bichos: animais e plantas falam de si.
- Personagem: sobre uma personagem da História
- Perguntador: um questionário com escolha múltipla
- Dicionário: definição de uma palavra
- Sítio do Gato: apresentação de sites, cd's, filmes, exposições...
- Gatices e Bruxices: passatempos.
- Notícias: divulgação de actividades que envolviam crianças.
- Páginas para publicidade.

Regresso

A Bruxinha, desenhada por Ana Teresa Resende, vai ao longo do tempo ganhando vida como personagem, como voz dentro da página e fora dela.

Continuo a actividade começada em 2004, a contar histórias em escolas, e bibliotecas e, mensalmente, como voluntária, na Pediatria do Hospital de Santo André, em Leiria, para crianças e pais.

O Região de Leiria investiu bastante na distribuição gratuita da revista *Bruxinha* nos dias da Criança, na Aldeia de Natal, em Leiria. Na Festa da Criança, em Santarém, em escolas dos quatro distritos e na Pediatria do Hospital de Leiria. A *Bruxinha* tornou-se conhecida de muita gente.

Mas, em 2006, com a necessidade de controlar custos a *Bruxinha* volta, novamente, a ser publicada apenas ao *Região de Leiria* e com 16 páginas.

Em Fevereiro de 2007, coincidindo com o fim do porte pago, a *Bruxinha* passa a ser publicada, semanalmente, no corpo do próprio jornal onde se mantém. Retomo algumas das rubricas da revista, numa página, mas o menor espaço obriga a alternância e a ajustes gráficos semana a semana. Mantém-se a divulgação de livros, histórias, entrevistas com escritores e ilustradores e notícias das actividades de escolas e bibliotecas.

Encaro sempre os lados mais positivos. A vertente regional como um factor de descentralização em relação aos interesses dos jornais nacionais. A periodicidade semanal como uma mais-valia em relação à periodicidade mensal apesar da condicionante do espaço. A existência da *Bruxinha* no corpo do jornal como uma forma de não passar despercebida aos pais. E a longevidade que vive de alguma teimosia e concessões como uma conquista. Em 2011 cumprirá doze anos.

Temos uma sociedade onde a iliteracia ainda é um grande problema a combater. Há muita gente que não lê livros e para quem o jornal é o seu ponto de contacto com a leitura. Há pessoas que vão a biblioteca só pelos jornais.

A Bruxinha e os livros

Tem sido importante no meu trabalho a ligação ao público infantil, a minha experiência como professora, a minha ida às escolas quer como contadora de histórias quer como autora. Aliás, a minha actividade como escritora para crianças acontece como somatório de felizes acasos decorrentes da existência deste projecto.

O início da publicação da *Bruxinha* coincide com o aparecimento da revista *Malasartes* dirigida pelo Dr. José António Gomes, ainda hoje a única revista no nosso país que se dedica, exclusivamente, à Literatura Infanto-Juvenil. E foi a partir da referência ao aparecimento do *Bruxinha*, feita algumas vezes na *Malasartes*, que a escritora Maria de Lourdes Soares conhece a revista, e depois de ler histórias que escrevi para as páginas do conto, me convida a escrever para a colecção *Contos Contados* que ela coordena. Um desafio do qual surge o meu primeiro livro "*Coisas de Mãe*", com ilustrações de João Caetano.

A colaboração com o Dr. Jorge Listopad, que durante o ano de 2005 escreveu, mensalmente, um conto para uma página com título genérico: "*Coisas Vivas*" dará origem ao livro "*Todos para a Mesa*", publicado na editora *Afrontamento*, com ilustrações da Manuela Bacelar e que integra o Plano Nacional de Leitura.

Em 2009, no décimo aniversário, acontece a publicação de um livro, onde é contada a história da *Bruxinha*, começando na dos seus pais: "*A Feiticeira do Bosque e o Professor de Botânica*".

A *Bruxinha* funcionou como laboratório de produção literária e espero que também de leitores.

O papel divulgador do jornal

A quem cabe a responsabilidade de divulgar as actividades da escola? À escola enquanto instituição? Aos professores? Ou aos Media? Como muitas vezes acontece, quando estamos em território de todos facilmente ficamos em território de ninguém. Aos jornais sem dúvida cabe a responsabilidade de divulgar todas as actividades de promover a leitura, no próprio interesse de conquistar os novos leitores.

Muitas escolas e bibliotecas divulgam actividades através de blogues, ainda pouco articulados com as redes sociais. Daqui resulta uma dispersão informativa que muitas vezes passa ao lado das famílias mas que pode chegar a elas através dos media, em particular, através dos jornais regionais.

Melhorar os nossos níveis de literacia passa pelo envolvimento das famílias e este pela capacidade dos jornais, escolas e bibliotecas serem colaborativos e falarem uma mesma linguagem quando se trata da divulgação de actividades de promoção do livro e da leitura.

Na actual situação socioeconómica do país, com as assimetrias entre as grandes cidades e o interior, a infoexclusão de um grande número de pessoas e a dificuldade de compatibilizar o ritmo de vida de muitas profissões com o acompanhamento dos filhos, os jornais ainda são importantes no seu formato tradicional.

Não podem descurar a sobrevivência futura, têm de atender a novos desafios, sobretudo para não perder os leitores que crescem e se tornam mais exigentes. Há uma maior rapidez na busca da informação. Um jornal só pode noticiar em cima do acontecimento usando a plataforma on-line. Para o papel faz sentido uma abordagem mais aprofundada, mais cuidada, mais “literária” e crítica.

Há quem seja leitor de jornais de papel e já leitores da era digital, por agora apenas uma minoria dispensa o papel. Mas os jornais são no formato tradicional a única leitura para uma maioria da população. E as crianças de hoje como serão quando crescerem? Certo é que serão melhores leitores de jornais se forem familiarizados com esse hábito, se crescerem vendo os adultos a fazê-lo.

A importância das redes sociais

Há um enorme potencial na ligação dos jornais às redes sociais em prol da educação e da participação cívica das nossas crianças. Os últimos exemplos a que assistimos, no país e no mundo, como forma de mobilização são disso um bom exemplo.

A Bruxinha está presente no Twitter, desde Março de 2009. (<https://twitter.com/notasdabruixinha>)

Aliás, foi através do Twitter que iniciei uma colaboração, com o Colégio de Alfragide, no blogue Casa das Histórias Mágicas. Este blogue foi recentemente incluído numa distinção que o Ministério da Educação atribuiu a blogues colaborativos.

O blogue é de uma educadora de Infância, Ana Domingues, que usa o Twitter como ferramenta pedagógica na sala de aula. Nesta turma as actividades decorrem com toda a normalidade e são de forma natural comentadas no Twitter, permitindo, também, a participação dos pais.

As crianças, aprendem como se usa o Twitter, familiarizam-se com a escrita, com a leitura, com os números. Os limitativos 140 caracteres aqui são inventivos.

Também através do Twitter descobri o blogue de Palavras Cruzadas do Paulo Freixinho (<http://palavracruzadas-paulofreixinho.blogspot.com/>) que faz Palavras Cruzadas, profissionalmente, há vinte anos, usando regularmente livros como mote.

As Palavras Cruzadas sempre foram um ponto de ligação dos leitores aos jornais de papel, E é muito interessante ver como o Paulo as integrou tirando proveito do suporte digital e colocando-as duplamente a favor do uso da palavra e dos livros.

São apenas dois exemplos, entre muitos a explorar, de como uma rede social pode ser usada para traçar caminhos para a leitura.

Novos caminhos a explorar

- A associação do Twitter ao blogue da biblioteca pode ser uma forma de divulgação rápida e eficaz das actividades da Biblioteca/escola.
- Pré-definir um período de tempo para aceitar os *tweets*.
- Definir o número mínimo/máximo de *tweets*.
- Incentivar o comentário de notícias.
- Criar o hábito de confirmação da origem da notícia.
- Fazer cruzamento de informação.
- Dar atenção ao efeito da replicação de um comentário.
- Divulgar sugestões de leitura.
- *Postar tweets* de citações para identificar ou comentar.
- Construção de histórias. (ex. concursos de micro narrativa).
- A partir da sugestão de leitura de um livro fazer comentários da leitura.
- Escolher *tweets* com comentários mais significativos: como promoção, como crítica, como citação do livro.
- Fazer um resumo do livro.
- Há muitas possibilidades em breves e múltiplos 140 caracteres.
- E a vantagem de colocar silenciosa e produtivamente um grupo em debate sob o olhar discreto e mais ou menos interveniente de um adulto.

Papel ou digital?

Haverá vertentes económicas, energéticas e tecnológicas a ditar o futuro do papel. Sabemos que estamos em período de transição. A longevidade desse período de transição é a nossa incógnita.

Haverá um dia em o papel desaparecerá? A pergunta interessa para desenvolver novos formatos e abordagens, a resposta não é importante. Qualquer que seja o ritmo e o rumo da mudança, alguém terá de continuar a procura da notícia, a interpretar os factos, a fazer investigação mais aprofundada. Alguém terá de ser pago para isso. A nossa disponibilidade para a mudança do paradigma da informação do papel para o suporte digital passa pela consciência de que não ela não será instantânea, nem gratuita.

É importante, quando se anuncia a morte dos jornais tal como os conhecemos, ter consciência da existência de um sujeito por detrás de um jornal, seja em papel ou digital. Há alguém que trabalha na rede, mesmo que nestes tempos seja um trabalho muito "sem rede".

Podemos não estar na rede social?

Há muitas bibliotecas no Facebook, algumas no Twitter, mas ainda não estão lá de forma regular e assertiva. Há professores que ainda dizem: “eu não quero”, “eu não gosto”, “eu não percebo”. Atitude cada vez menos compreensível porque os alunos e os filhos estão lá.

Muitos professores lamentam que os alunos vão à biblioteca para ir para o computador. Tem que haver portas e caminhos no computador para a leitura para a escrita, para os livros e para os jornais.

Acho pertinente investir na presença de jornais na escola. Falta-nos uma cultura de sensibilização para a importância da leitura da imprensa escrita, para a sua utilização em sala de aula de forma sistemática. Os jornais podem ser utilizados nas próprias aulas. Muitos assuntos podem remeter para a sua leitura extra aula.

Ecos dos escritores na escola

Há escolas a organizar regularmente actividades à volta do livro e da leitura e outras em que isso é um acontecimento pontual. Algumas recebem todos os anos um ou mais escritores e, em outras as crianças nunca viram um escritor. Há crianças que não têm nenhum livro em casa, não vão a bibliotecas, há pais que não têm competências de leitura para os acompanhar e há crianças a quem nunca contaram histórias.

Os jornais podem ajudar na projecção do papel educativo dos encontros dos escritores de livros para o público infanto-juvenil, contribuindo para que essas actividades tenham eco no contexto familiar.

O efeito da presença de um escritor na escola não deve esgotar-se na sua prestação no tempo em que está na escola. Deve haver trabalho preparatório e à posteriori.

Dei particular atenção nos últimos meses a todas as notícias, através do motor de busca do Google, sobre vários escritores: António Mota, José Fanha, Luísa Fortes da Cunha e Margarida Fonseca Santos. Exclui as que referiam aos blogues pessoais ou contas de Facebook de cada um deles. Apenas blogues ou contas de outrem nas redes sociais. E, de facto, foi sem surpresa que confirmei: a informação passa muito pouco pelos meios de comunicação regional, muito menos nacional, mesmo na vertente digital.

Os encontros de escritores nas escolas são, sempre que possível, destacados na Bruxinha. A cobertura que um jornal possa dar à visita de um escritor ou contador de histórias a uma biblioteca ou escola é um factor de ampliação dos efeitos dessa mesma visita, importante no reconhecimento das crianças, dos pais e de toda a comunidade.

Novos tempos, novas mudanças

A 15 de Outubro de 2010 o Região de Leiria teve uma nova remodelação gráfica. O novo formato do Jornal, um pouco mais pequeno, seguindo a linha gráfica do jornal i, trouxe, mais uma vez, um espaço menor para a Bruxinha.

Novo ajuste de rubricas: o “Sítio do Gato” ocupado com filmes, exposições, sites...gadgets. O “Perguntador” seis questões de múltipla escolha, em registo informativo ou humorístico, seguindo um dos temas da página, ou feito sobre o livro referido na “Biblioteca”. A secção “a Bruxinha conta”, com testemunhos sobre os livros de infância de pessoas conhecidas, frequentemente de escritores ou apontamentos sobre um personagem da história.

E depois no espaço central alternam passatempos, reportagem e conto, diversas vezes com a colaboração dos leitores.

Manter o espaço da "Biblioteca" é, mais uma vez, o lado meio cheio do copo. um espaço pequeno mas constante. O desafio formal: apresentar todas as semanas um livro em rigorosos 280 caracteres que correspondem, intencionalmente, a dois *tweets*.

A remodelação também trouxe a alteração da periodicidade da minha crónica, quinzenal, desde 2004. Agora é semanal (Crónica de uma Bruxinha) existe na página da Bruxinha a temática, por isso, relacionada com a família, a educação, os livros, as questões de cidadania.

O futuro

Manter a *Bruxinha* é, per si, um projecto para ao futuro. Crescer, voltar a um formato de revista seria excelente. O futuro passará, naturalmente, por ganhar espaço a nível digital. (<http://www.regiaodeleiria.pt/>). A continuação da disponibilidade e vontade de estabelecer maior colaboração com as escolas. Uma colaboração que pode ir além das fronteiras regionais, como já acontece através das redes sociais, sobretudo no Twitter.

A Net exige uma grande atenção, pode consumir muito do nosso tempo. Temos de ser cuidadosos e hábeis para navegar, ler, produzir conteúdos, avaliar criticamente o lido e o escrito, para não sermos veículos transmissores de imprecisões. Temos de o fazer também como exemplo para as crianças, para que elas aprendam a movimentar-se dentro deste caldo de cultura global e miscelanizado do bom e do mau, levá-las a aprender a fazer a triagem. A Net deve estar ao serviço da leitura e a leitura ao serviço do bom uso da Net.

O nosso corpo tem um maravilhoso efficientíssimo sistema circulatório, todas as células têm democraticamente o seu quinhão de nutrientes. O paraíso de Borges seria uma Biblioteca com sistema circulatório. A Net podia ser esse eficiente sistema de democratização da leitura. Em teoria, cada livro e cada jornal podem percorrer caminho até cada casa.

Mas ao contrário da televisão a leitura não é uma actividade passiva exige a disponibilidade temporal, mental e física, envolvimento afectivo e hábito. A leitura pede voz, presença, afecto.

A leitura pode ser um prazer, é bom que seja descoberta e usufruída dessa forma mas é também um bem essencial, um instrumento de aprendizagem. A palavra é a nossa expressão de pensamento. Até que estejamos todos no mesmo plano ainda há muito a fazer, para que todos tenham acesso, para que todos leiam, para que todos sejam cidadãos conscientes.

Quando num supermercado a senhora que me arranja o peixe comenta que é leitora da *Bruxinha* ou da minha crónica, sinto que cumpri algo. Com as crianças está tudo por cumprir, elas crescem e renovam o mundo.

A palavra é também uma arma. A tecnologia torna a palavra uma arma de arremesso com maior alcance, amplia a nossa responsabilidade. Com a Net somos cidadãos com maior poder. E poder não é bom nem mau, o seu uso é que pode sê-lo. O poder da palavra deve estar nas mãos de todos, assim se cumprirá o desígnio da democracia que todos defendemos, a literacia é uma condição para o bom exercício da cidadania.

Por agora ainda precisamos de algo palpável. Mas vamos avançando com mais ou menos reservas para dentro do mundo virtual.

Um dia, daqui a muitos anos, alguém se deterá encantado, novamente, com a descoberta da magia da folha... da rasura, do cheiro e do toque. Um dia alguém ficará emocionado recortando uma notícia... (uma *Bruxinha*, quem sabe?..)

Até onde e quantas vezes nos reinventaremos?

Algures, daqui a muitos anos, haverá sempre um livro de papel a (re)contar a história.